



Memorial PET

MEMORIAL PET: DEPOIMENTOS DE INTEGRANTES DO PROGRAMA¹

COMISSÃO EDITORIAL

Em 2022, a revista *Humanidades em Diálogo* completa 15 anos de existência. Esse projeto, realizado atualmente por quatro grupos do Programa de Educação Tutorial (PET), História, Ciências Sociais, Filosofia e Sociologia Jurídica, teve início em 2007, a fim de proporcionar uma primeira experiência de publicação acadêmica aos estudantes de graduação nas diversas áreas das humanidades. Desde então, foram XI volumes publicados, com diversos artigos, resenhas e materiais artísticos produzidos por estudantes de graduação de diferentes cursos e universidades.

O PET é o Programa de Educação Tutorial alicerçado pelo Ministério da Educação (MEC) e organizado a partir de formações em nível de graduação nas Instituições de Ensino Superior do país. O projeto é desenvolvido por grupos de estudantes, com tutoria de um docente, orientados pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e da educação tutorial. Atualmente, o PET conta com mais de 800 grupos distribuídos entre 121 Institutos de Ensino Superior².

Tendo em vista a importância do PET, tanto para a existência da *Humanidades em Diálogo*, quanto para diversas pessoas de muitas unidades de ensino, buscamos, por meio deste *memorial*, apresentar depoimentos de participantes e ex-participantes do programa, a fim de demonstrar sua relevância e necessidade de manutenção, sobretudo na atual conjuntura.

Dessa maneira, a coleta dos depoimentos foi realizada com a intenção de apresentar e divulgar as atividades desenvolvidas nos PET, sua influência na vida profissional dos participantes e, também, para evidenciar sua importância, assim como a necessidade da formulação de outros que caminhe na mesma linha. Nesse sentido, este texto tem o objetivo de sistematizar os relatos das experiências, correlacionando-os, demonstrando seus pontos de conversação e destacando algumas particularidades. De modo que, ao final, todos serão apresentados na íntegra.

Para a elaboração deste *memorial*, partimos das seguintes questões: (1) como foi a sua experiência no PET? Sua chegada, as tarefas que lá desenvolveu, lembranças e situações marcantes do período; (2) qual é a importância dos grupos PET hoje? Como enxerga a situação, os desafios e as possibilidades do projeto, no atual contexto universitário e político. As pessoas contatadas poderiam escrever livremente partindo desses dois pontos, em alguns casos houve maior aprofundamento, em outros breves pinceladas, mas todos com sua contribuição. No total foram colhidos sete depoimentos de participantes e ex-participantes, das diferentes áreas que compõem a *Humanidades em Diálogo*, sendo cinco de ex-petianos, uns mais antigos que outros, e dois de atuais tutores. Assim, cabe salientar que o maior destaque será aqui atribuído aos relatos.

Uma das marcas do PET, evidenciada nos depoimentos, é a presença do aprendizado e trabalho coletivo. A tutora Sylvia Gemignani Garcia, ao tratar sobre o período de reorganização

1 Os depoimentos serão apresentados na íntegra ao final do texto.

2 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pet>

nacional do Programa, destacou que ocorreu a implantação da pesquisa coletiva no PET-Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Prática que podemos observar com efetividade no projeto realizado pelo grupo intitulado: Perfil das/os Ingressantes em Ciências Sociais da USP³.

No âmbito das atividades do Pet Sociais, o período foi de recomposição do grupo de estudantes bolsistas e implementação da prática de pesquisa coletiva, que caracteriza o grupo até hoje, em alinhamento direto com o Projeto Acadêmico da graduação em Ciências Sociais da USP. (Sylvia Gemignani Garcia, Outubro de 2022)

O tutor Júlio Pimentel Pinto, ao tratar sobre sua inicial presença no PET-História USP, relatou como a organização do grupo se volta para a coletividade, no sentido de haver a necessidade de colaboração de todas as pessoas envolvidas, cada indivíduo com sua tarefa que reflete no coletivo.

Conforme transcorriam as semanas, nos acostumávamos à nova rotina e eu, noviço embora quase sexagenário, buscava tomar pé dos muitos e fascinantes projetos que os/as estudantes, mais experientes e à vontade, desenvolviam e dos quais falavam com lucidez e animação. Compreendi aos poucos como funcionava a burocracia oficial, os procedimentos regulamentares, aprendi a lançar na minha agenda o dia da homologação das bolsas, conheci pouco a pouco os estilos dos/as estudantes, a dinâmica de sua relação, a forma como avançavam os trabalhos: descobri que a autonomia é a prova dos nove do PET e que a supervisão das atividades do PET-História era uma tarefa menor ante tudo que bolsistas e não-bolsistas faziam no cotidiano. (Júlio Pimentel, Setembro de 2022)

O mesmo pode ser observado no depoimento da ex-petiana Luma Ribeiro Prado:

Se me recordo bem, nós nos organizávamos nas seguintes frentes: a) leitura e discussão de textos teóricos (lemos autores como Foucault, Guy Debord, Agamben), b) apresentação de seminários abertos mensais com temas variados, c) clube de cinema, d) extensão universitária e e) EPEGH⁴. Essas eram as atividades coletivas. Em paralelo, alguns bolsistas participavam da Humanidades em Diálogo, outros, como eu, faziam iniciação científica. [...]

O PET aglutina ao mesmo tempo que subsidia o desenvolvimento de projetos paralelos. Os bolsistas, o tutor e eventuais colaboradores são também forjados pelo trabalho coletivo e formam, assim, comunidade. (Luma R. Prado, Setembro de 2022)

O ex-petiano João Lucas Pimenta da Silva Pinto, também indica como o trabalho coletivo se desenvolveu durante sua trajetória no PET-Filosofia, evidenciando sua importância na dinâmica do grupo:

Talvez eu tenha dado sorte (mas acho mais provável que essa seja uma constante dos grupos do PET Filosofia em todas as suas configurações até hoje): as pessoas que participaram do projeto comigo — as outras alunas e os outros alunos, em primeiro lugar; mas também os dois tutores que lideraram o projeto na época em que eu estive no grupo, Prof. Caetano Plastino e Prof. Maurício Keinert — tornaram a experiência recompensadora, divertida e inesquecível. Encarávamos as atividades como um trabalho e, portanto, com a seriedade e a

3 GARCIA, Sylvia Gemignani et al. Perfil dos Ingressantes em Ciências Sociais (2006-2019). São Paulo: PET CS/USP, 2020.

4 Encontro de Pesquisa na Graduação em História.

responsabilidade necessárias para que tudo desse certo; mas frequentemente as reuniões e as tarefas em grupo se tornavam oportunidades de trocas de ideias e de risadas. Mesmo nas ocasiões em que surgiram problemas mais estressantes, tarefas mais tediosas ou discórdias mais sérias dentro do grupo, lembro-me com satisfação de como buscamos resolver tudo com companheirismo e respeito. (João Pimenta, Setembro de 2022)

Além do destaque da coletividade nas atividades dos grupos, outro aspecto evidenciado nos depoimentos foram os reflexos do programa no desenvolvimento acadêmico e profissional dos participantes. Como relata o ex-petiano Ricardo Feliz, ao tratar sobre sua formação no PET-Sociologia Jurídica e os reflexos dela na sua especialização:

O que eu posso dizer dessa história é que tudo começou no PET. A minha carreira inteira hoje, que é uma carreira dedicada à pesquisa, foi moldada por causa de um curso que eu fiz no PET lá em 2018. Isso mudou minha cabeça, mudou minha forma de enxergar o Direito e me deu ferramentas para pesquisar empiricamente o Direito. Com certeza essa importância que o PET teve na minha vida não é uma exceção, visto a quantidade de alunos formados pelo PET que se tornaram grandes pesquisadores e pesquisadoras, nacionalmente reconhecidos. (Ricardo Feliz, Setembro de 2022)

Nessa direção, a ex-petiana Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, atual professora do Departamento de Antropologia da USP, destaca a importância do PET na sua escolha pela docência.

Conforme já registrei em diversas oportunidades, sendo a mais recente delas uma entrevista sobre a minha trajetória interdisciplinar: “A experiência de participar do PET-CAPES me fez ter certeza de que a docência seria um caminho a considerar, tanto nas Ciências Sociais quanto no Direito⁵. Não por acaso, em 1988, iniciei a minha carreira docente na área de ciências sociais e, entre 1991 e 2003, também lecionei em faculdades de direito, especialmente na Universidade São Judas Tadeu, onde integrei a equipe do prof. Faria. (Ana Lúcia Pastore, Outubro de 2022)⁶

Para além da coletividade e reflexos nas formações acadêmicas e profissionais, cabe evidenciar os obstáculos para os participantes do programa, como relata Garcia:

A meu ver, o grande desafio que se põe para a coordenação nacional e local do Programa é promover uma articulação geral de caráter acadêmico, capaz de conferir organicidade ao Programa contemplando as especificidades das diferentes áreas de conhecimento e as condições específicas dos diferentes grupos. Essas condições envolvem um variado conjunto de fatores, incluindo o fator elementar das necessidades materiais dos estudantes. Considerando o grupo PET Sociais, o baixo valor da bolsa torna o Programa muito pouco competitivo em relação a outros programas de iniciação científica e estágios acadêmicos,

5 Schritzmeyer, Ana Lúcia Pastore; ALMEIDA, Gabriela Perissonato de; MESSIAS, Letícia de Souza. Nas teias da Antropologia do Direito e de outras aventuras interdisciplinares: entrevista com Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer. In: CARNEIRO, Cynthia Soares; OLIVEIRA, Fabiana Luci de; RIBEIRO, Iara Pereira; SILVA, Paulo Eduardo Alves da; NOJIRI, Sergio. Interdisciplinaridade e Métodos de Pesquisa em Direito. [S. l.]: Pedro & João Editores, 2022. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/interdisciplinaridade-e-metodos-de-pesquisa-em-direito/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

6 Idem, 2022.

levando os estudantes para os quais essas outras oportunidades se abrem a deixarem o grupo precocemente, ainda que contra a vontade. (Sylvia Gemignani Garcia, Outubro de 2022)

Na mesma direção, Feliz destaca a necessidade de observar as questões socioeconômicas dos participantes dos grupos PET, como também de uma estruturação do programa que se responsabilize e cumpra seus deveres básicos:

[...] por causa das condições restritivas que o programa impõe aos alunos: (1) uma baixa bolsa de apenas R\$ 400,00 (valores de 2018, não sei se atualizou), sendo que alguns alunos ficam até sem bolsa; (2) a dedicação exclusiva. Para alunos que nem eu, que vem de uma classe média, em que os pais podem bancar todos os meus estudos sem sacrifício algum, tudo bem ficar 2 anos sem trabalhar, recebendo uma bolsa baixíssima. Mas para alunos que não são de São Paulo, que precisam bancar a sua permanência na faculdade, os seus próprios estudos, ou que precisam ajudar em casa, as condições mudam. Soma-se a isso que, muitas vezes, as bolsas atrasam, sem explicação alguma. De novo, para quem depende do pouco dinheiro oferecido pelo programa, o atraso das bolsas pode ser decisivo para a sua permanência. Então eu vejo que o maior desafio do PET atualmente é conseguir criar as condições de permanência para os alunos ingressos por PPI⁷ na universidade. E quando o PET conseguir cumprir esse desafio, ele poderá ser um programa mais forte ainda de política pública educacional. Por hora, o PET consegue apenas suprir a lacuna de pesquisa nas Faculdades de Direito, mas faz isso com um viés de raça e de classe muito gritante. (Ricardo Feliz, Setembro de 2022)

No relato de Feliz, torna-se possível observar a indicação de que o PET já é um programa forte e consolidado que gera impactos, mas que faz-se necessário um fortalecimento. Em outros depoimentos também foram destacadas mensagens nessa mesma direção, por exemplo sobre a importância da manutenção e aperfeiçoamento do Programa de Educação Tutorial, a partir da compreensão dos seus problemas e da sua resolução.

Mesmo que com muitos problemas e enormes desafios, notadamente intensos no momento atual, marcado por graves ameaças à ciência e ao pensamento, fazer parte do PET da USP tem sido uma experiência valiosa, com seu potencial de ampliar os horizontes de estudantes e tutores em um aprendizado contínuo no ensino, na pesquisa e na extensão. (Sylvia Gemignani Garcia, Outubro de 2022)

Considerando nosso momento de regresso ao presencial, de defesa da Universidade Pública frente ao desmonte da educação, de precarização da educação básica, de forte mobilização dos movimentos sociais, o PET se faz comunidade e rede. Portanto, é primordial que bolsistas e tutores tenham condições dignas de atuar no programa. (Luma R. Prado, Setembro de 2022)

Tenho convicção de que a continuidade dos grupos PET, por todo o Brasil e nas mais diversas áreas, é um dos potentes programas do Ministério da Educação (MEC), para estudantes de graduação, a ser mantido e incrementado, pois se trata de um investimento na capacitação e sensibilização de jovens para que invistam no tripé ensino-pesquisa-extensão, propiciando que, seja ainda como estudantes, seja como futuros pós-graduandas(os), pesquisadoras(es),

7 Pretos, Pardos e Indígenas.

docentes ou profissionais não acadêmicas(os), contribuam decisivamente para a valorização e a qualidade da Educação no país. (Ana Lúcia Pastore, Outubro de 2022)

[...] Num período como o que atravessamos, em que tudo parece difícil, em que rareiam as verbas de financiamento educacional e em que rareia a própria disposição (para além das retóricas vazias) de estimular e aprimorar a formação educacional dos/as jovens, o desafio que mais se coloca aos grupos PET é o de insistir.

Insistir no compromisso com a própria formação. Insistir na ação conjunta e colaborativa. Insistir no cuidado com o próximo e na dimensão pública de toda atividade de pesquisa e estudo. Insistir para que se criem mais oportunidades e mais apoios para quem deseja estudar e não dispõe dos meios adequados para tanto. Insistir na liberdade de vontade, de pensamento e de ação. Em suma, fazer valer o aprendizado coletivo que o PET favorece e estendê-lo para além dos muros da bela Cidade Universitária. (Júlio Pimentel, Setembro de 2022)

Como exposto nos depoimentos dos petianos e ex-petianos, o PET tem exercido um papel fundamental na formação dos graduandos que ingressam no projeto, ao exhibir meios e possibilidades para o ingresso no meio acadêmico; além dos tutores fornecer alicerces aos petianos para um melhor aproveitamento da experiência na graduação. Diante dos resultados profícuos do PET como projeto de pesquisa, ensino e extensão, é evidente que o sucateamento do PET se revela prejudicial para a formação dos estudantes. Pois, consoante os relatos de Feliz, a falta de reajuste no valor da bolsa PET impõe desafios para uma maior difusão do programa para estudantes menos favorecidos; resultando, conseqüentemente, na manutenção de um espaço ocupado predominantemente por pessoas brancas e de classes abastadas. Assim, fortalecer e incentivar o PET traduz-se em uma política pública de educação, que corresponde à criação de mais oportunidades para quem deseja estudar e não dispõe dos meios adequados para tanto, como bem observou Júlio Pimentel, tutor do PET-história, em seu relato supracitado.

DEPOIMENTO I

RICARDO FELIZ OKAMOTO

Conte um pouco sobre sua experiência no PET; sua chegada, as tarefas que lá desenvolveu, lembranças e situações marcantes que guarda deste período.

Eu lembro do PET com muito carinho. Cheguei no PET de Sociologia Jurídica do Direito USP no segundo semestre de 2018. No nosso PET, realizávamos 2 cursos por semestre, além de organizar congressos e participar da Revista Humanidades em Diálogo e realizar uma pesquisa, seja individualmente, seja coletivamente. Como são 2 anos de PET, tivemos 4 semestres para realizar cursos, de forma que fizemos 9 cursos ao todo (mas dois deles pararam no meio por causa da pandemia). Fizemos os seguintes cursos: programação em R, Sociologia Jurídica, Teoria Crítica para ler Faticidade e Validade do Habermas, Metodologia de pesquisa, Hannah Arendt, Wittgenstein, Pensamento Social Brasileiro, Marxismo e Direito e Pensamento Decolonial (sendo estes dois últimos os que foram cancelados). Todos os cursos foram essenciais para a minha formação enquanto pesquisador, mas o que mais me marcou foram as reuniões de pesquisa do PET. No meu ano, estávamos em 7 pessoas (eu, a Julia, a Isadora, a Isabela, a Laura, a Marina e o Yuri), sendo que cada um estava fazendo uma pesquisa individual, dos temas mais variados. Toda semana tínhamos uma reunião de pesquisa, em que compartilhávamos o que havíamos feito na semana anterior (o que muitas vezes era nada) e, acima de tudo, compartilhávamos nossas angústias com a pesquisa. Eram discussões profundas, em que falávamos sobre a nossa descrença com a própria pesquisa e a desmotivação para continuar pesquisando, sobre a dificuldade que tínhamos para descobrir a literatura relevante, sobre a falta de tempo para ler e as dificuldades com a escrita. Além disso, neste grupo, lemos todas as pesquisas um dos outros, o que foi super enriquecedor, para que recebêssemos críticas, bem como exercitássemos a nossa crítica ao ler o trabalho dos colegas. Se hoje eu tenho alguma noção de como fazer uma pesquisa, é porque este grupo me ajudou a me formar enquanto pesquisador.

Fale um pouco sobre a importância dos grupos PET hoje; como enxerga a situação, os desafios e as possibilidades do projeto no atual contexto universitário e político.

Acho que cada PET tem a sua cara. Todos eles buscam alinhar Ensino, Pesquisa e Extensão, mas cada um faz do seu jeito. Na Faculdade de Direito, tem uma lacuna muito grande da graduação em preparar pesquisadores. Então o PET de lá cumpre essa função. São tantos professores da Faculdade de Direito da USP e de outras instituições que foram formados pelo PET, nos seus mais de 40 anos. Tenho alguns nomes de professores e professoras importantes formados pelo PET de Sociologia Jurídica. Vou deixar em anexo a planilha que resume essas informações: Ronaldo Porto Macedo Jr., Carlos Alberto de Salles, Mara Regina de Oliveira, Luis Eduardo Schoueri, Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, Roberto Augusto Castellanos Pfeiffer, Ana Maria de Oliveira Nusdeo, Paula Andrea Forgioni, Maria Paula Dallari Bucci, Maira Rocha Machado (FGV), Diogo Rosenthal Coutinho, Jean Paul Cabral Veiga da Rocha, Vinicius Marques de Carvalho, Camila Villard Duran, Rafael Diniz Pucci, Bianca Tavolari (Insper).

Esses nomes são só aqueles que se tornaram professores das maiores instituições de pesquisa do Brasil, fora aqueles petianos que seguiram outros rumos. Um bom exemplo disso é o Ronaldo Lemos. Então a gente consegue ter uma ideia da importância do PET de Sociologia Jurídica para a formação do cenário de pesquisa em Direito hoje em dia.

Eu mesmo, pessoalmente, tive uma mudança radical de carreira por causa do PET. Eu sempre fui muito teórico, sempre gostei muito de pesquisa teórica, mas no PET, logo que eu entrei no segundo semestre de 2018, o nosso tutor, Rafael Mafei, havia chamado um moço, chamado Guilherme Duarte, para dar um curso para a gente. Depois eu fui descobrir que é incomum que o tutor escolha o curso que vamos fazer no semestre; normalmente são os próprios alunos que escolhem os cursos, e o tutor apenas nos ajuda a escolher o professor. Mas o tema são os alunos que escolhem. Enfim, um dos cursos do segundo semestre de 2018, estranhamente, tinha sido escolhido pelo nosso tutor no semestre anterior. O curso era um curso de introdução à programação com R, para que pudéssemos fazer pesquisas utilizando métodos estatísticos no Direito. Eu, particularmente, fiquei fascinado com aquilo tudo. Achei incrível o universo da programação, e achei muito potente as ferramentas que o programa nos dava. Foi com isso que meu foco de pesquisa mudou radicalmente de pesquisas teóricas para pesquisas empíricas. O problema foi que eu aprendi a fazer um monte de gráficos e análises utilizando esse programa, mas não sabia interpretar os resultados, porque me faltava formação em Estatística. Nos semestres seguintes, por fora do PET mesmo, mas inspirado neste curso de R, eu fui atrás de cursos de Estatística e de métodos quantitativos nas outras unidades da USP. Eu fiz então os cursos de Métodos e Técnicas em Ciências Políticas com a Lorena e com o Glauco, lá no departamento de Ciências Políticas da FFLCH. O curso abriu a minha cabeça mais ainda. Depois de ter tido um pouco do método quantitativo e um pouco de programação, eu me formei no PET (eu sai do PET em julho de 2020), e resolvi que queria me aprofundar nisso. Falei, então, com aquele professor que havia ministrado o curso de R lá em 2018 sobre o que eu poderia fazer para seguir neste caminho, e ele me recomendou que eu buscasse pela Associação Brasileira de Jurimetria (ABJ). Ali havia gente séria, pesquisadores sérios realizando pesquisas empíricas quantitativas em Direito. Assim, em agosto de 2020 eu entrei na ABJ como estagiário e em Janeiro de 2022 eu fui efetivado lá, como Pesquisador, posição que mantenho até hoje.

O que eu posso dizer dessa história é que tudo começou no PET. A minha carreira inteira hoje, que é uma carreira dedicada à pesquisa, foi moldada por causa de um curso que eu fiz no PET lá em 2018. Isso mudou minha cabeça, mudou minha forma de enxergar o Direito e me deu ferramentas para pesquisar empiricamente o Direito. Com certeza essa importância que o PET teve na minha vida não é uma exceção, visto a quantidade de alunos formados pelo PET que se tornaram grandes pesquisadores e pesquisadoras, nacionalmente reconhecidos.

Isso tudo é o que eu posso dizer sobre a importância do PET. Mas agora, sobre desafios, existem muitos ainda.

Em primeiro lugar, temos que olhar historicamente para quem foi formado pelo PET Sociologia Jurídica: homens e mulheres brancos. O PET sempre teve muita mulher; e nos anos recentes, isso ficou melhor ainda, de forma que quase não havia homens. No meu ano do PET, por exemplo, (de 2018) tinha 5 mulheres e 2 homens (eu sendo um deles); na turma anterior (de 2017), havia também 5 mulheres e 2 homens; e na turma anterior (de 2016), tinha 5 mulheres e 1 homem. Mas o que não parece mudar é o perfil racial dessa turma. Todos os grandes professores e

pesquisadores que eu mencionei atrás são brancos, e mesmo nessas turmas mais recentes, em que havia muito mais mulheres do que homens, não víamos essa tendência quanto ao perfil racial. Eu não sei ao certo quantos alunos do PET foram negros, pois não conheço todos os PETs já formados, tampouco as turmas mais recentes. Mas sei que entre 2016 e 2019 tivemos 2 mulheres negras apenas: a Letícia Carvalho e a Letícia Chagas. Isso claramente é um problema, e algo que deve ser superado.

Eu acredito que esse perfil não se dê por causa do processo seletivo do PET, mas sim, por causa das condições restritivas que o programa impõe aos alunos: (1) uma baixa bolsa de apenas R\$ 400,00 (valores de 2018, não sei se atualizou), sendo que alguns alunos ficam até sem bolsa; (2) a dedicação exclusiva. Para alunos que nem eu, que vem de uma classe média, em que os pais podem bancar todos os meus estudos sem sacrifício algum, tudo bem ficar 2 anos sem trabalhar, recebendo uma bolsa baixíssima. Mas para alunos que não são de São Paulo, que precisam bancar a sua permanência na faculdade, os seus próprios estudos, ou que precisam ajudar em casa, as condições mudam. Soma-se a isso que, muitas vezes, as bolsas atrasam, sem explicação alguma. De novo, para quem depende do pouco dinheiro oferecido pelo programa, o atraso das bolsas pode ser decisivo para a sua permanência. Então eu vejo que o maior desafio do PET atualmente é conseguir criar as condições de permanência para os alunos ingressos por PPI na universidade. E quando o PET conseguir cumprir esse desafio, ele poderá ser um programa mais forte ainda de política pública educacional. Por hora, o PET consegue apenas suprir a lacuna de pesquisa nas Faculdades de Direito, mas faz isso com um viés de raça e de classe muito gritante.

Um segundo desafio grande que eu vejo é a conexão com a sociedade. O PET de Sociologia Jurídica, particularmente, é muito fechado na comunicação científica. Ele só fala para seus próprios pares, e nunca para a sociedade civil em geral, para os leigos. Não sei como são nos outros PETs isso. Não acho que seja um problema de política pública esse, acho que é um problema interno do PET, de como as pessoas se enxergam ali dentro e seu papel em relação à sociedade.

Passando dos desafios para as possibilidades para o programa, a forma principal é tratar dessa questão como uma questão de política pública mesmo; uma política pública de educação e de combate ao racismo. Assim sendo, a solução seria simplesmente aumentar o valor das bolsas. Essa alteração requer muita vontade política e mobilização nossa, de petianos. Isso é exatamente o tipo de política pública que deve ser pensado no contexto de uma universidade pública de acesso universal, com cotas PPI. Todos os alunos e todas as alunas devem ter a oportunidade de participarem desse programa; do jeito que está, apenas poucos têm essa oportunidade, que são aqueles que não precisam se sustentar.

DEPOIMENTO II

ANA LÚCIA PASTORE SCHRITZMEYER¹

LEMBRANÇAS (UM POUCO VAGAS, PORÉM MARCANTES) DE UMA EX-PETIANA (1985-1988)

Era o final de uma manhã de fevereiro ou março de 1985. Eu estava quase entrando na biblioteca do Departamento de Filosofia e Teoria Geral do Direito quando dela saiu um colega de turma (um *nerd*, na linguagem atual) que, muito animado, contou-me que acabara de se candidatar a uma bolsa do PET-CAPEs. Eu não fazia a menor ideia do que se tratava e, muito solícitamente, ele me explicou, a começar pela sigla, o que era o Programa Especial de Treinamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Eu, que apenas iria consultar um livro, também acabei me candidatando à bolsa.

No processo seletivo, fui entrevistada pelo professor Tércio Sampaio Ferraz Júnior, então tutor do PET, e pelo ainda estudante Alberto do Amaral Júnior. Recordo-me de termos conversado sobre eu estar iniciando o terceiro ano da graduação em ciências sociais e o segundo em direito, ambos na USP (era possível cursar duas graduações, simultaneamente) e de lhes ter dito o quanto eu esperava que leituras em filosofia e sociologia jurídica dessem um novo sentido à minha dupla formação e me fizessem não desistir do curso de direito. Eu consegui a bolsa e o meu solícito colega *nerd* deve ter se arrependido de ter me explicado tão bem o que era o PET-CAPEs.

Passados 37 anos, algumas memórias estão um pouco apagadas. Não me recordo, por exemplo, de todas(os) que compunham o meu grupo, mas me lembro de que, corajosamente, enfrentamos o desafio inicial de ler e discutir Hans Kelsen – *Teoria Pura do Direito* –, uma vez por semana, sob a batuta do professor Tércio. Tampouco sei quando foi, exatamente, que o prof. Tércio deixou de ser o tutor e o prof. José Eduardo Faria o substituiu, mas, um tempo depois, houve uma mescla entre petianas(os) ingressantes em diferentes anos, formando uma turma maior, bem como acordamos dividir, informalmente, o parco valor das bolsas entre quem as recebia e quem não.

Gostei muito de conviver com colegas que estavam em outros anos da graduação e nos uniu, durante os 4 anos em que fui bolsista (de 1985 a 1988), os ecos do movimento pelas Diretas-Já (1983-1984), os debates que envolveram a eleição de Tancredo Neves e sua morte (1985) e, principalmente, a efervescência sociopolítico-jurídica decorrente da Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988). Durante esses dois últimos anos, eu já havia ingressado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da USP (PPGAS) e, ao mesmo tempo em que o PET me ajudava a desbravar o então novo campo da antropologia do direito no Brasil, eu também trazia novidades para um grupo essencialmente voltado para a sociologia jurídica. Foram, inclusive, duas petianas que me auxiliaram na pesquisa documental que embasou minha dissertação de mestrado².

1 Docente do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP), líder do Núcleo de Antropologia do Direito (NADIR) e bolsista de produtividade em pesquisa, nível 2, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Graduada em Direito e em Ciências Sociais, mestre e doutora em Antropologia Social pela USP.

2 Mônica Hernandez de São Pedro e Suzana Bróglia Feitosa de Lacerda trabalharam comigo em um levantamento de acórdãos nas Revistas dos Tribunais e Forense. Minha dissertação, intitulada *Sortilégio de saberes: curandeiros e*

Concluída a minha graduação em direito, em 1988, continuei muito próxima aos professores José Eduardo Faria, Celso Campilongo e José Reinaldo de Lima Lopes, com quem, juntamente com outras(os) colegas, fundamos, em 1989, o Centro de Estudos Direito e Sociedade (CEDISO). Entre 1991 e 1998, ofereci alguns minicursos a novas turmas de petianas(os)³ e, especialmente em duas pesquisas desenvolvidas pelo CEDISO, em 1990 e 1991, as equipes que coordenei eram formadas por petianas(os)⁴.

Conforme já registrei em diversas oportunidades, sendo a mais recente delas uma entrevista sobre a minha trajetória interdisciplinar: “A experiência de participar do PET-CAPES me fez ter certeza de que a docência seria um caminho a considerar, tanto nas Ciências Sociais quanto no Direito (Schritzmeyer *et al*, 2022: 267)⁵. Não por acaso, em 1988, iniciei a minha carreira docente na área de ciências sociais e, entre 1991 e 2003, também lecionei em faculdades de direito, especialmente na Universidade São Judas Tadeu, onde integrei a equipe do prof. Faria (idem: 268).

A partir dos anos 2000, continuei acompanhando, à distância, porém com muito interesse, o PET da Faculdade de Direito da USP e alguns outros, tanto que, sempre que pude, participei de eventos⁶.

Tenho convicção de que a continuidade dos grupos PET, por todo o Brasil e nas mais diversas áreas⁷, é um dos potentes programas do Ministério da Educação (MEC), para estudantes de graduação, a ser mantido e incrementado, pois se trata de um investimento na capacitação e sensibilização de jovens para que invistam no tripé ensino-pesquisa-extensão, propiciando que, seja ainda como estudantes, seja como futuros pós-graduandas(os), pesquisadoras(es), docentes ou profissionais não acadêmicas(os), contribuam decisivamente para a valorização e a qualidade da Educação no país.

juízes nos tribunais brasileiros (1900-1990), defendida em 1994, foi publicada em 2004 pelo Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCRIM) – <https://www.ibccrim.org.br/publicacoes/exibir/499> (Acessado em 01/10/2022).

- 3 Os principais foram: “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Sociologia Jurídica”, “(Re)lendo Michel Foucault”, “Contribuições dos Clássicos da Sociologia para o Pensamento Jurídico” e “Métodos e Técnicas de Pesquisa”.
- 4 “Pena de morte: opinião dos alunos de direito da USP” (Schritzmeyer, A. L. P. TRAVESSIA - Revista do Migrante. São Paulo: CEM – Centro de Estudos Migratórios, ano V, nº 13, maio-agosto de 1992, p. 8-12 – <https://revistatravessia.com.br/travessia/article/view/321> (Acessado em 01/10/2022) e “Justiça em São Bernardo do Campo: perfil sociojurídico de clientes e profissionais da assistência jurídica” (Campilongo, C. Revista Forense, v. 87, n. 315, jul./set., 1991, p. 3–17).
- 5 Schritzmeyer, A. L. P; Almeida, G. P & Messias, L. de S. “Nas teias da Antropologia do Direito e de outras aventuras interdisciplinares: entrevista com Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer”. Interdisciplinaridade e Métodos de Pesquisa em Direito. Pedro & João Editores, 2022, p. 268-269 – <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/interdisciplinaridade-e-metodos-de-pesquisa-em-direito/> (Acessado em 01/10/2022).
- 6 Por exemplo, fui palestrante no painel “O endurecimento das políticas criminais, de segurança e penitenciária” no Evento de Comemoração dos 25 anos do PET (Programa de Educação Tutorial) da Faculdade de Direito da USP, em 11/11/2004. Integrei a banca do processo seletivo para o ingresso de bolsistas no PET-Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, em 02/07/2007, e participei da mesa de abertura “Ideologia e Direito” do Seminário Direito e Ideologia promovido pelo PET-Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 13 de outubro de 2015.
- 7 Consta do site do MEC que são 842 distribuídos por 121 Instituições de Ensino Superior (IES) - <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32623-programa-de-educacao-tutorial> (Acessado em 01/10/2022).

DEPOIMENTO III

LUMA RIBEIRO PRADO

Fui bolsista do PET-História da Universidade de São Paulo por três anos, a partir do meu terceiro ano na graduação. Antes disso, havia feito um ano de iniciação científica sobre história do Brasil Colonial com o prof. Dr. István Jancsó. O professor István já havia sido tutor do PET e me incentivou a participar do processo seletivo, alegando que o grupo cumpriria um papel importante de evitar uma precoce especialização. Naquela época, eu já me interessava por história indígena e o risco, ele sabia, era grande.

Ingressei no grupo PET junto com colegas de perfis bem distintos. Lembro bem da Nadiesda Dimambro que liderava as ações de extensão universitária com professores em Perus e no Jardim Miriam Arte Clube - JAMAC, projeto da artista plástica Mônica Nador. Outros bolsistas eram ativos no movimento estudantil, integravam partidos e coletivos de esquerda. Já outros se encantavam mais por nossas discussões em grupo.

Se me recordo bem, nós nos organizávamos nas seguintes frentes: a) leitura e discussão de textos teóricos (leamos autores como Foucault, Guy Debord, Agamben), b) apresentação de seminários abertos mensais com temas variados, c) clube de cinema, d) extensão universitária e e) EPEGH. Essas eram as atividades coletivas. Em paralelo, alguns bolsistas participavam da Humanidades em Diálogo, outros, como eu, faziam iniciação científica.

Além disso, participar do PET facilitava a organização de eventos no departamento. Pelo menos, essa foi uma de minhas impressões. A Nadiesda, ela novamente, integrava a Fuxicaria Feminista, coletivo da época, e organizou o “Seminário Aberto Gênero: construções e conflitos”, em 2011. Evento que contou com a participação de intelectuais e militantes feministas importantes como Amelinha Teles. E eu tive espaço para organizar junto com colegas ativistas o “Seminário de Mobilização Xingu +23: Encontro dos Povos da Amazônia” (cartaz em anexo), no ano seguinte.

Para nós, a Usina Hidrelétrica de Belo Monte simbolizava a luta contra os megaprojetos. Pensávamos que barrá-la significaria impedir que mais de uma centena de U.H. fossem tiradas do papel e construídas na Amazônia. O Seminário, assim, cumpriria um papel de levar mais gente a se atentar para a causa e, quem sabe, participar do Encontro Xingu+23 em Altamira, no Pará. Os jornalistas Leonardo Sakamoto e Verena Glass, o arqueólogo e professor do MAE/USP Eduardo Neves e Célio Bermann, engenheiro e professor do Instituto de Energia e Ambiente da USP compuseram as mesas de discussão. Foram exibidos ainda documentários sobre o rio Xingu e os projetos de U.H. de Kararaô e depois Belo Monte. No último dia, ocorreu a oficina “Quer ir pra Altamira? Me pergunte como!”, quando articulamos a ida coletiva.

O PET aglutina ao mesmo tempo que subsidia o desenvolvimento de projetos paralelos. Os bolsistas, o tutor e eventuais colaboradores são também forjados pelo trabalho coletivo e formam, assim, comunidade. O PET-História ainda atua como nó de uma rede de PETs Brasil afora e potencialmente se configura como ponto de ligação entre Academia e sociedade, Academia e movimentos sociais, Academia e educação básica. Considerando nosso momento de regresso ao presencial, de defesa da Universidade Pública frente ao desmonte da educação, de precarização da

educação básica, de forte mobilização dos movimentos sociais, o PET se faz comunidade e rede. Portanto, é primordial que bolsistas e tutores tenham condições dignas de atuar no programa.

DEPOIMENTO IV

SYLVIA GEMIGNANI GARCIA¹

Passei a fazer parte do PET (então Programa Especial de Treinamento, vinculado à Capes) do curso de graduação de Ciências Sociais em 1998, tendo acompanhado todo o processo de crise institucional do Programa, que, após intensa mobilização nacional, denominada Pet-Reage, foi renomeado e transferido para o Departamento de Modernização e Programas Especiais da Secretaria do Ensino Superior do Ministério da Educação (DEPEM/SESU/MEC). Nessas condições de redefinição nacional, tornei-me tutora do grupo em 2001, função que exerci até 2009. Voltei a assumir a atual tutoria em 2018.

Durante minha primeira tutoria, participei intensamente do Programa de Institucionalização Acadêmica do PET na USP, vinculado à Pró-Reitoria de Graduação, no âmbito do qual foi criada a Comissão Permanente, renomeada, em 2004, Comitê Local de Acompanhamento (CLA) do PET da USP. O processo envolveu grande conjunto de atividades de organização, por um lado, no contato com as instâncias do MEC que foram reestruturando o Programa ao longo do período e, de outro, com a implementação das diretrizes de trabalho e de avaliação no âmbito da USP.

Realizamos o I Epetusp (Encontro dos Pets da USP), em 2003, com o objetivo central de apresentar ao então presidente do Depem da Sesu do MEC os trabalhos dos PETs na USP. Em 2004, organizamos o I Epetep (Encontro dos Pets Paulistas), com o tema Reforma Universitária. Os Epetusps tiveram continuidade regular desde então.

O período foi marcado por dificuldades de variadas ordens da reorganização nacional do Programa, incluindo a impossibilidade burocrático-administrativa de pagamento das bolsas dos tutores, o que só foi efetivamente solucionado por medida presidencial do governo Luiz Inácio Lula da Silva, tendo o Prof. Fernando Haddad como Ministro da Educação.

No âmbito das atividades do Pet Sociais, o período foi de recomposição do grupo de estudantes bolsistas e implementação da prática de pesquisa coletiva, que caracteriza o grupo até hoje, em alinhamento direto com o Projeto Acadêmico da graduação em Ciências Sociais da USP.

No início do período de minha atual tutoria, em 2018, o funcionamento do Programa na USP estava basicamente estabelecido enquanto, no nível nacional, o Programa havia passado a ser gerido por uma nova plataforma de administração e controle, que apresentava um conjunto de novas dificuldades de entendimento e de comunicação. Ao mesmo tempo, no âmbito da USP, o cenário geral era bastante promissor, com a implementação da política de reserva de vagas. Com o advento da pandemia, em 2020, as reuniões de tutores, por iniciativa do vice interlocutor do PET na USP, passaram a ser remotas e realizadas quinzenalmente, o que favoreceu a participação e a interação entre tutoras e tutores dos campi da capital e do interior, que então enfrentavam graves e imprevistas dificuldades para a manutenção, em condições excepcionais, dos grupos PET.

A meu ver, o grande desafio que se põe para a coordenação nacional e local do Programa é promover uma articulação geral de caráter acadêmico, capaz de conferir organicidade ao Programa

¹ Tutora do PET Ciências Sociais.

contemplando as especificidades das diferentes áreas de conhecimento e as condições específicas dos diferentes grupos. Essas condições envolvem um variado conjunto de fatores, incluindo o fator elementar das necessidades materiais dos estudantes. Considerando o grupo PET Sociais, o baixo valor da bolsa torna o Programa muito pouco competitivo em relação a outros programas de iniciação científica e estágios acadêmicos, levando os estudantes para os quais essas outras oportunidades se abrem a deixarem o grupo precocemente, ainda que contra a vontade.

Mesmo que com muitos problemas e enormes desafios, notadamente intensos no momento atual, marcado por graves ameaças à ciência e ao pensamento, fazer parte do PET da USP tem sido uma experiência valiosa, com seu potencial de ampliar os horizontes de estudantes e tutores em um aprendizado contínuo no ensino, na pesquisa e na extensão.

DEPOIMENTO V

JOÃO LUCAS PIMENTA DA SILVA PINTO

Ingressei no PET Filosofia em 2014, quando eu estava no segundo ano do curso de graduação em Filosofia. Meu ingresso no PET foi simbólico de uma enorme mudança na minha vida, já que ocorreu logo após eu decidir me dedicar seriamente à Filosofia (a qual, na época da minha entrada no curso, eu não sabia se acabaria sendo muito mais do que um *hobby* para mim) a ponto de abandonar um emprego seguro e bem remunerado e, com isso, deixar de lado a carreira que, até pouco tempo antes, eu imaginava que seguiria durante a vida toda. Esse contexto fez com que eu encarasse a oportunidade de participar do PET com um misto de entusiasmo (por passar a me envolver em tempo integral com o que mais me interessava na época) e insegurança (por não saber se a experiência confirmaria, ou não, o acerto daquela mudança de vida radical).

Talvez eu tenha dado sorte (mas acho mais provável que essa seja uma constante dos grupos do PET Filosofia em todas as suas configurações até hoje): as pessoas que participaram do projeto comigo — as outras alunas e os outros alunos, em primeiro lugar; mas também os dois tutores que lideraram o projeto na época em que eu estive no grupo, Prof. Caetano Plastino e Prof. Maurício Keinert — tornaram a experiência recompensadora, divertida e inesquecível. Encarávamos as atividades como um trabalho, e, portanto, com a seriedade e a responsabilidade necessárias para que tudo desse certo; mas frequentemente as reuniões e as tarefas em grupo se tornavam oportunidades de trocas de ideias e de risadas. Mesmo nas ocasiões em que surgiram problemas mais estressantes, tarefas mais tediosas ou discórdias mais sérias dentro do grupo, lembro-me com satisfação de como buscamos resolver tudo com companheirismo e respeito.

O grupo como um todo realizava diversas atividades; na maior parte do tempo, nos dividíamos em subgrupos que se responsabilizavam diretamente por atividades específicas. As atividades de que eu participei mais ativamente foram as de organização das edições anuais do Encontro de Filosofia da USP e as de monitoria nas disciplinas do primeiro ano do curso de graduação. De forma mais esporádica, ajudei também em outras atividades do grupo naquela época, como a organização de aulas de filosofia numa escola estadual (Projeto “Nefinho”) e a organização do XII EPETUSP (Encontro dos PETs da USP), em colaboração com os outros grupos PET da FFLCH. Havia ainda outras atividades realizadas pelo nosso grupo nas quais eu não me envolvi diretamente, como a edição das revistas *Primeiros Escritos* e *Humanidades em Diálogo* e a participação recorrente, para conversas sobre filosofia e outros temas, na programação de uma rádio comunitária. Também participamos, como convidados, de outras edições do EPETUSP. Por fim, cada aluno e aluna do nosso grupo desenvolvia, individualmente, sua pesquisa de iniciação científica como parte das tarefas do PET.

Houve uma série de momentos marcantes durante o meu tempo de petiano. Mencionarei, no entanto, só um deles, por sua relevância à questão do papel e da importância dos grupos PET: o XIII EPETUSP, realizado em 2015 na ESALQ (Piracicaba), do qual participamos como convidados. Em meio às atividades costumeiras nas edições do EPETUSP (sessões de trocas de experiências entre os grupos, apresentações de projetos bem-sucedidos por cada grupo, etc.), assistimos à palestra de um professor convidado pela organização cujo assunto foi, justamente, o papel e a importância dos grupos

PET no cenário universitário brasileiro. Não convém resgatar o conteúdo da palestra; o aspecto marcante da experiência foi a divergência que se revelou entre os diferentes grupos ali presentes, em reação às palavras do palestrante, quanto à natureza da missão de petianos e petianas: divergência entre os que enxergavam o PET como um projeto de montagem de “grupos de elite” dentro de cada curso, voltado para a formação ampliada dos membros dos grupos — e, essencialmente, para o seu próprio benefício —, e os que enxergavam o PET como um projeto de aplicação dos conteúdos e habilidades aprendidos pelas alunas e alunos de cada curso *para além do curso* — seja em benefício direto de outros estudantes universitários (como no caso das atividades de monitoria, de edição de revistas acadêmicas e de organização de encontros acadêmicos), seja em benefício direto da comunidade externa à universidade (como no caso das atividades em escolas públicas e rádios comunitárias); além de, certamente, em benefício *indireto* dos próprios membros dos grupos PET. Não convém, tampouco, discutir a fundo, aqui, os méritos e deméritos das duas concepções da missão do PET; acredito, contudo, ser quase dispensável argumentar que — independentemente do que tenham tido em vista os idealizadores do projeto, do que tenham em vista hoje as autoridades responsáveis pelo projeto etc. — a segunda concepção está muito mais de acordo com as necessidades da sociedade brasileira e com o espírito da universidade pública.

DEPOIMENTO VI

JÚLIO PIMENTEL PINTO¹⁶

Iniciei meu período de tutoria do PET-História USP em fevereiro de 2022. Ou seja, os rigores do isolamento na pandemia de Covid-19 já haviam sido relaxados e as atividades presenciais na Universidade, retomadas.

Portanto, minha primeira reunião com os/as estudantes foi ao vivo – e essa é a primeira e marcante lembrança que tenho: colocamos cadeiras em torno de uma mesa meio torta que existe no jardim lateral do prédio da História/Geografia da USP e lá tivemos nossa primeira conversa. Todos com máscara, ansiedade, álcool gel e dúvidas. Era uma volta ao lar, mas era também um tatear, havia a necessidade de redescobrir como se aproximar do outro, como manter distância física, como reconhecer os rostos parcialmente encobertos.

Conforme transcorriam as semanas, nos acostumávamos à nova rotina e eu, noviço embora quase sexagenário, buscava tomar pé dos muitos e fascinantes projetos que os/as estudantes, mais experientes e à vontade, desenvolviam e dos quais falavam com lucidez e animação. Compreendi aos poucos como funcionava a burocracia oficial, os procedimentos regulamentares, aprendi a lançar na minha agenda o dia da homologação das bolsas, conheci pouco a pouco os estilos dos/as estudantes, a dinâmica de sua relação, a forma como avançavam os trabalhos: descobri que a autonomia é a prova dos nove do PET e que a supervisão das atividades do PET-História era uma tarefa menor ante tudo que bolsistas e não-bolsistas faziam no cotidiano.

É a construção dessa autonomia que persiste sendo o resultado mais desejável do Programa: autonomia de planejar, de agir, de pensar. Num período como o que atravessamos, em que tudo parece difícil, em que rareiam as verbas de financiamento educacional e em que rareia a própria disposição (para além das retóricas vazias) de estimular e aprimorar a formação educacional dos/as jovens, o desafio que mais se coloca aos grupos PET é o de insistir.

Insistir no compromisso com a própria formação. Insistir na ação conjunta e colaborativa. Insistir no cuidado com o próximo e na dimensão pública de toda atividade de pesquisa e estudo. Insistir para que se criem mais oportunidades e mais apoios para quem deseja estudar e não dispõe dos meios adequados para tanto. Insistir na liberdade de vontade, de pensamento e de ação. Em suma, fazer valer o aprendizado coletivo que o PET favorece e estendê-lo para além dos muros da bela Cidade Universitária.

16 Tutor PET-História USP.